

PODE ACONTECER AQUI¹

Cass Sunstein (Autor)²

Thiago Aguiar de Pádua (Tradutor)³

RESUMO: Trata-se de texto escrito pelo professor norte americano Cass Sunstein, da Universidade de Harvard, analisando alguns aspectos sobre os perigos que rondam a democracia moderna, com os olhos voltados para o trágico passado nazifascista, para alertar sobre a importância de nos mantermos atentos e vigilantes para os pequenos sinais de alerta.

Palavras-chave: Democracia. Ditadura.

A democracia liberal já desfrutou de dias muito melhores. Vladimir Putin estabeleceu um governo autoritário, e está firmemente encarregado do ressurgimento da Rússia. Na influência global, a China pode ter superado os Estados Unidos, e o presidente chinês Xi Jinping agora está autorizado a permanecer indefinidamente no cargo. À luz dos recentes rumos em direção ao autoritarismo na Turquia, Polônia, Hungria e nas Filipinas, fala-se generalizadamente sobre uma “recessão democrática”. Nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump pode não estar suficientemente comprometido com os princípios constitucionais de um governo democrático.

Em épocas como essa, poderíamos ser estimulados a tentar aprender alguma coisa desde as experiências iniciais com o autoritarismo, particularmente a triunfante ascensão dos nazistas na Alemanha, na década de 1930. O problema é que o nazismo era tão horripilante e tão bárbaro que, para muitas pessoas, em nações onde o autoritarismo está agora se estabelecendo, é difícil enxergar paralelos entre o regime de Hitler e seus próprios governos. Vários relatos do regime nazista demonstram uma série de eventos inimagináveis, de uma nação que enlouqueceu. Esse aspecto é reconfortante, e facilita o pensamento de que isso não pode acontecer novamente.

Mas algumas representações sobre a ascensão de Hitler são mais íntimas e pessoais. Elas se concentram menos em líderes conhecidos, eventos significativos, propaganda estatal, assassinatos e guerra, e mais nos detalhes das vidas individuais. Algumas narrativas ajudam a explicar como as pessoas podem não apenas participar de coisas terríveis, mas também permitem compreender como elas conseguem ficar quietas e viver dias bastante comuns no meio do horror. Elas oferecem lições para as pessoas que vivem hoje em dia com horrores genuínos, e também para aquelas pessoas para quem o horror pode jamais chegar, mas que vivem em nações onde as práticas e normas democráticas estão sob severa tensão.

¹ Tradução de artigo publicado originalmente na edição do *The New York Review of Books*, de 28 de junho de 2018, vol. LXV, n. 11, sob o título: “*It Can Happen Here*”, como resenha dos livros: “*They Thought They Were Free: The Germans, 1933–45*”, de Milton Mayer, e “*Broken Lives: How Ordinary Germans Experienced the Twentieth Century*”, de Konrad H. Jarausch. The New York Review of Books Copyright © by Cass Sunstein. 2018. Autorização solicitada em 19.03.2019 e obtida em 21.03.2019.

² Harvard Law School, Cambridge, Massachusetts, USA.

³ Centro Universitário do Distrito Federal UDF, Brasília, DF.

O clássico de Milton Mayer, *“They Thought They Were Free”* (*Eles Pensaram que Eram Livres*), de 1955, republicado recentemente com um posfácio do historiador Richard J. Evans (de Cambridge), foi um dos primeiros relatos da vida cotidiana nazista. Escrito com humor, e com um improvável toque iluminado, proporciona um contraste chocante com as devastadoras e inacabadas memórias de Sebastian Haffner, *“Defying Hitler”*, de 1939, que permite a sensação de se vivenciar o exato momento da ascensão de Hitler. (O manuscrito, descoberto pelo filho de Haffner após sua morte, foi publicado em 2000 na Alemanha, tornando-se sensação imediata.)⁴ Uma perspectiva muito mais ampla vem de *“Broken Lives”*, de Konrad Jarausch, num esforço para reconstruir a experiência dos alemães ao longo de todo século XX. O que distingue estes três livros é o senso de proximidade. Eles não se concentram em figuras históricas que tomaram decisões transformadoras. Eles exploram como pessoas comuns tentaram levar suas vidas sob condições terríveis.

O nome verdadeiro de Haffner era Raimund Pretzel. (Ele usou um pseudônimo para não colocar em perigo sua família, quando estava exilado na Inglaterra.) Era um jornalista, e não um historiador ou teórico político, mas ele interrompeu sua narrativa fascinante para abordar uma questão densa: “O que é a história e onde ela acontece?” Ele fez objeções de que a maioria das obras de história dão “a impressão de que não mais do que poucas dúzias de pessoas estão envolvidas, que por acaso estão “à frente do navio do Estado e cujos atos e decisões formam o que é chamado de história”. Na sua opinião, isso está equivocado. O que importa somos “nós, os outros anônimos”, que não somos apenas “peões no jogo de xadrez”, porque “os ditadores, ministros e generais mais poderosos são impotentes contra as decisões simultâneas em massa, tomadas individualmente e quase inconscientemente pela população em geral”. Haffner insiste na importância de se investigar “alguns processos e experiências mentais muito peculiares e reveladoras”, envolvendo “as vidas privadas, emoções e pensamentos de indivíduos alemães”.

Mayer tinha o mesmo objetivo. Sendo um jornalista americano de ascendência alemã, ele tentou se encontrar com Hitler em 1935. Ele falhou, mas viajou muito na Alemanha nazista. Atordoado ao descobrir um movimento de massas, em vez da tirania de alguns poucos malvados, concluiu que seu verdadeiro interesse não estava em Hitler, mas em pessoas como ele, a quem “alguma coisa havia acontecido, e que não tinha acontecido comigo e meus compatriotas (ou pelo menos não ainda)”. Em 1951, ele retorna à Alemanha para descobrir o que tornou o nazismo possível.

Em *“They Thought They Were Free”* (*Eles Pensaram que Eram Livres*), Mayer decidiu se concentrar em dez pessoas, diferentes em muitos aspectos, mas com uma característica comum: todas tinham sido membros do Partido Nazista. Eventualmente, eles concordaram em conversar, aceitando sua explicação de que ele esperava auxiliar o povo de sua nação a ter uma melhor compreensão da Alemanha. Mayer era sincero sobre isso e sobre quase todo o resto. Mas não disse a eles que era judeu.

⁴ NT: Sebastian Haffner, pseudônimo de Raimund Pretzel, que escolheu o *nom de plume* a partir de suas predileções musicais: Sebastian é o nome de Johann Sebastian Bach e Haffner é o nome de uma sinfonia de Mozart (a sinfonia n. 35, K.385, a qual foi composta em honra do filho do presidente da câmara de Salzburgo, Sigmund Haffner). O Livro mencionado: HAFFNER Sebastian. *Defying Hitler: A Memoir*, trad. Oliver Pretzel, Picador, 2003.

No final da década de 1930 - período que mais interessava a Mayer -, seus entrevistados estavam trabalhando como zelador, soldado, alfaiate, marceneiro, gerente de escritório, padeiro, cobrador de contas, inspetor, professor do ensino médio e policial. Um deles era um estudante do ensino médio. Todos eram do sexo masculino. Nenhum deles ocupou posições de liderança ou influência. Todos eles se referiam a si mesmos como “*wir kleine Leute*” (nós, gente pequena). Eles viviam em Marburg, uma cidade universitária às margens do rio Lahn, não muito longe de Frankfurt.

Mayer conversou com eles durante um ano, sob condições informais – regadas a café, refeições e noites longas e relaxantes. Ele se tornou amigo de cada um (e por toda parte ele se refere a eles como tal). Como ele disse, com surpresa evidente: “Eu *gostei* deles. Não pude evitar”. Eles podem ser irônicos, engraçados e autodepreciativos. A maioria deles gostava de uma piada originada na Alemanha nazista: “O que é um ariano? Um ariano é um homem alto como Hitler, louro como Goebbels, e ágil como Göring”. Eles também podiam ser sábios. Falando das opiniões das pessoas comuns sob Hitler, um deles perguntou:

“Oposição? Como alguém saberia? Como alguém saberia contra o que outra pessoa se opõe ou não? Que um homem diga se opor ou não, vai depender das circunstâncias, onde e quando, e para quem, e como ele diz isso. E então você ainda deve adivinhar porque ele diz o que diz.”

Quando Mayer retornou para casa, estava com medo de seu próprio país. Ele sentiu “que não era o homem alemão que havia conhecido, mas o homem”, e que sob certas condições, ele poderia ter se saído como seus amigos alemães. Ele aprendeu que o nazismo tomou conta da Alemanha “não pela subversão de dentro, mas com um grito e um escândalo”. Muitos alemães “queriam isso; eles conseguiram; e eles gostaram”.

A conclusão mais impressionante de Mayer é que, com uma exceção parcial (o professor), nenhum de seus entrevistados “viu o nazismo como nós - você e eu - o vimos, em qualquer aspecto”. Aonde a maioria de nós entende o nazismo como uma forma de tirania, os entrevistados de Mayer “Não sabiam, antes de 1933, que o nazismo era mau. Eles não sabiam, entre 1933 e 1945, que era mau. E eles não sabem disso agora”. Sete anos após a guerra, eles olharam para o período de 1933 a 1939 como a melhor época de suas vidas.

Mayer sugere que, mesmo quando governos tirânicos fazem coisas horríveis, quem enxerga as coisas de fora tende a exagerar os efeitos reais nas experiências da maioria dos cidadãos, que se concentram em suas próprias vidas e nas “suas próprias visões, em seu cotidiano”. O nazismo tornou as coisas melhores para as pessoas que Mayer entrevistou, não por ter restaurado algum orgulho nacional perdido (como muitos pensam), mas porque melhorou a qualidade da vida diária. Os alemães tinham bons empregos e moradias. Eles puderam passar férias na Noruega ou na Espanha através do programa “Força Através da Alegria”. Poucas pessoas passavam fome ou frio, e os doentes tinham maior probabilidade de receber tratamento. As bênçãos da Nova Ordem, como era chamada, pareciam ser desfrutadas por “todos”.

Mesmo em retrospecto, os entrevistados de Mayer gostaram e admiraram Hitler. Eles o viam como alguém que tinha “um sentimento de massas de pessoas” e falava diretamente em

oposição ao Tratado de Versalhes, ao desemprego - a todos os aspectos da ordem existente. Eles aplaudiram Hitler por sua rejeição do “pacote inteiro” (“todos os políticos parlamentares e todos os partidos parlamentares”), e por sua “limpeza dos degenerados morais”. O funcionário do banco descreveu Hitler como “um fascinante orador natural. Eu acho que ele foi distanciado da verdade, mesmo da verdade, por sua paixão. Mesmo assim, ele sempre acreditou no que disse”.

Mayer não mencionou o tópico do antissemitismo com nenhum de seus entrevistados, mas depois de algumas reuniões, cada um deles o fez por conta própria, e retornaram a ele frequentemente. Quando a sinagoga local foi incendiada, em 1938, a maioria da comunidade estava sob uma única obrigação: “não interferir”. Eventualmente, Mayer mostrou a seus entrevistados um jornal local, de 11 de novembro de 1938, que continha uma reportagem: “No interesse de sua própria segurança, vários judeus do sexo masculino foram detidos ontem. Esta manhã eles foram mandados embora da cidade”. Nenhum deles se lembrava de ter visto, ou de qualquer coisa parecida.

A morte de seis milhões de judeus? “*Fake News*”. Quatro dos entrevistados de Mayer insistiram que os únicos judeus levados para campos de concentração eram traidores da Alemanha, e que os demais puderam sair com seus pertences ou receberam por elas um justo valor de mercado. O cobrador de contas concordou que o assassinato dos judeus “estava errado, a menos que tivessem cometido traição em tempo de guerra. E é claro que eles traíram”. Ele acrescentou que “alguns dizem que aconteceu e alguns dizem que não”, e que você “pode me mostrar fotos de crânios... mas isso não prova isso”. Em qualquer caso, “Hitler não tinha nada a ver com isso”. O alfaiate falou da mesma forma: “Se aconteceu, foi errado. Mas eu não acredito que isso tenha acontecido”.

Com evidente fadiga, o padeiro mencionou: “Não houve tempo para pensar. Havia tanta coisa acontecendo”. Seu relato foi semelhante ao de um dos colegas de Mayer, um filólogo alemão, que estava no país à época, e enfatizou a natureza devastadoramente crescente do mergulho na tirania: “não tínhamos tempo de pensar sobre essas coisas terríveis que estavam crescendo, pouco a pouco, ao nosso redor”. O filólogo apontou para um regime, empenhado em desviar a atenção de seu povo, através de dramas intermináveis (frequentemente envolvendo inimigos reais ou imaginários), e “a gradual naturalização do povo, pouco a pouco, de ser governado pela surpresa”. Em seu ponto de vista, “cada passo era tão pequeno, tão inconsequente, tão bem explicado ou, na ocasião, tão lamentado”, que as pessoas não podiam mais vê-lo “se desenvolver diariamente, não mais que que um agricultor em sua fazenda, vendo o milho crescer. Num belo dia, já cresceu tudo”.

Concentrando-se largamente em 1933, Haffner, em “*Defying Hitler*”, oferece um quadro radicalmente diferente, em que desde o início a verdadeira natureza do nazismo era evidente para muitos alemães. Com apenas vinte e cinco anos naquele período, e estudando direito com o objetivo de se tornar um juiz ou administrador, ele descreve os efeitos crescentes do nazismo na vida de seus amigos ambiciosos e colegas de turma, que estavam preocupados com diversão, perspectivas de emprego, e casos de amor. Haffner assevera que, tão logo os nazistas tomaram o poder, ele foi salvo por sua capacidade de sentir o cheiro da podridão:

“Quanto aos nazistas, meu nariz me livrou de todas as dúvidas. Foi cansativo falar sobre quais de seus supostos objetivos e intenções ainda eram aceitáveis ou mesmo “historicamente justificados” quando tudo isso fedia. E como isso fedia! O fato de os nazistas serem inimigos, meus inimigos e inimigos de todos os que eu amava, era cristalino para mim desde o começo.”

Como Haffner descreve, uma forma de terror começou rapidamente, quando membros da SS fizeram sentir sua presença, intimidando pessoas em lugares públicos. Ao mesmo tempo, os cidadãos eram distraídos por um fluxo interminável de festividades e celebrações. A intimidação, acompanhada pela atividade pró-nazista, fervorosa e orquestrada, produziu um aumento do medo, o que levou muitos cétricos a se tornarem nazistas. No entanto, as pessoas flertavam, gostavam de romances, “iam ao cinema, faziam uma refeição num pequeno bar de vinhos, bebiam um bom *Chianti* e dançavam juntas”. Soando aqui como os entrevistados de Mayer, Haffner escreve que foi a “continuação automática da vida cotidiana” que acabou “impedindo qualquer reação pujante e vigorosa contra o horror”.

Segundo Haffner, o colapso da liberdade e do Estado de Direito ocorreu por partes, algumas das quais parecendo relativamente pequenas e insignificantes. Em 1933, quando oficiais nazistas permaneciam ameaçadoramente diante das lojas judaicas, os judeus ficaram “apenas ofendidos. Nem preocupados ou ansiosos. Apenas ofendidos”. Mas Haffner insiste que a brutalidade de Hitler e a contínua politização da vida cotidiana estavam claras desde o início. Nos primeiros dias do regime, um autointitulado republicano aconselhou-o a evitar comentários cétricos, o que seria inútil: “Eu acho que conheço os fascistas melhor que você. Nós republicanos devemos uivar com os lobos”.

Haffner catalogou os uivos. Livros começaram a desaparecer das livrarias e bibliotecas. Revistas e jornais também desapareceram, e os que permaneceram foram mantidos na linha partidária. Mesmo em 1933, os alemães que se recusaram a se tornar nazistas se viram “em uma situação diabólica: um momento de desesperança completa e sem trégua; você era submetido diariamente a insultos e humilhações”. Haffner buscou refúgio no domínio privado, inclusive com um pequeno grupo de jovens que estudavam Direito, que haviam formado uma espécie de clube íntimo de debates. Eles eram bons amigos. Um dos membros, chamado Holz, tinha opiniões nacionalistas. Outros discordavam, mas era tudo civilizado: o tipo de discussão enérgica que os jovens costumam travar sobre política.

O grupo desmoronou quando Holz acusou Haffner de “ignorar os desenvolvimentos monumentais no ressurgimento do povo alemão” e de ser “um perigo latente para o Estado” – e, de maneira intimidadora, ameaçou denunciá-lo à Gestapo. Não muito longe do fim, a narrativa de Haffner fornece um relato delicado e quase insuportavelmente tocante de várias semanas idílicas com o amor de sua vida, que estava noiva de um inglês, e estava prestes a deixar a Alemanha para sempre. (Vendo sua aflição após informá-lo de seu noivado, ela respondeu com infinita gentileza: “Por enquanto ainda estou aqui.”) Resumindo essas semanas e algo como a resiliência humana, o manuscrito inacabado de Haffner oferece algumas palavras do poeta Friedrich Hölderlin: “Não olhemos para frente / nem para trás. Seja de balançar, como em/ um barco navegando no mar”.

Enquanto Haffner se concentra largamente em um único ano, Jarausch se debruça sobre um século. Em “*Broken Lives*”, ele se baseia em mais de setenta memórias pessoais produzidas por alemães que nasceram majoritariamente na década de 1920. Seu objetivo é produzir uma “imagem vívida e pessoal do que significou viver no século XX”, enraizada nas perspectivas das pessoas que nasceram após a carnificina da Primeira Guerra Mundial, e que no geral desfrutaram de infâncias felizes e até mesmo despreocupadas na República de Weimar. É uma imagem reveladora, abrangente, panorâmica, e, na maioria das vezes, bastante sombria.

Jarausch oferece um relato repleto de fatos sobre a vida de “adolescentes nazistas”, alguns anos mais jovens que Haffner, e sobre as imensas pressões sociais que levaram ao rápido crescimento do movimento nazista entre os jovens. Uma das estratégias inteligentes dos nazistas, adotadas imediatamente após assumirem o poder, foi aumentar essas pressões, impondo “uma aparência de apoio unânime ao Terceiro Reich”. Muitos alemães não eram nem tão pró-Hitler e nem tão anti-Hitler; e sua oposição aos adversários de Hitler auxiliou em sua ascensão. Décadas depois, os memorialistas referiram-se aos seus “tempos felizes” na Juventude Hitlerista, concentrando-se não na ideologia, mas em passeios de caminhadas, camaradagem e acampamentos de verão.

Da perspectiva de Jarausch, as coisas pioraram muito para os alemães a partir de 1º de setembro de 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia. Alguns dias depois, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. Um memorialista observou que, com a Grande Guerra aparecendo ao fundo, “nenhuma bandeira voava, não havia aprovação, nem entusiasmo”. Jarausch descreve meticulosamente os desenvolvimentos subsequentes, começando com os triunfos iniciais das forças de defesa (*Wehrmacht*⁵) e a rápida conquista da Polônia, terminando com a invasão da Normandia, o avanço implacável do Exército Vermelho e o suicídio de Hitler.

Depois da guerra, a derrota significou um recomeço para muitos, um tipo de oportunidade, e Jarausch mostra como os alemães - impiedosos, em estado de choque, determinados - voltaram à vida comum, apostando em um futuro melhor. Evitando o nacionalismo, e mesmo o orgulho nacional, eles conseguiram reconstruir sua economia e seu moral. O foco principal de Jarausch é na Alemanha Ocidental, mas ele dedica uma atenção considerável ao colapso do comunismo na República Democrática da Alemanha, sugerindo que ela afundou porque desapontou e desiludiu seus cidadãos. Embora seu tema unificador tenha sido a fragmentação das vidas de inúmeros alemães (de várias maneiras), sua conclusão é otimista: muitos alemães foram transformados “em democratas sinceros e pacifistas que querem evitar a repetição de horrores anteriores”.

Para aqueles que buscam entender a experiência alemã no século XX, Jarausch fez um grande trabalho. Ele pinta em uma tela muito mais ampla do que Mayer e Haffner, mesmo quando ele explora a ascensão de Hitler. Mas precisamente por causa da natureza íntima e refinada de seus relatos, Mayer e Haffner falam mais diretamente aos que se preocupam com as condições de possibilidade do autoritarismo. É claro que não podemos ter certeza se

⁵ NT: Conforme se verifica, o termo alemão *Wehrmacht* significa “Força de Defesa”, que pode ser entendido como “meios/poder de resistência”; foi o nome do conjunto das forças armadas da Alemanha durante o Terceiro Reich (entre 1935 e 1945), englobando o Exército (*Heer*), Marinha de Guerra (*Kriegsmarine*), Força Aérea (*Luftwaffe*) e tropas das *Waffen-SS* (que, embora não fossem da *Wehrmacht*, eram frequentemente dispostas junto às suas tropas).

devemos acreditar nos entrevistados de Mayer, quando eles afirmam que ignoravam o que Hitler realmente fez. (Mayer também não tem certeza.) Mas eles são convincentes quando dizem que na época estavam focados principalmente em suas famílias, amigos e em suas vidas diárias. A representação de Haffner sobre a “continuação automática da vida cotidiana”, possível para tantos em meio ao ataque, passo-a-passo, que seu governo fez contra a liberdade e à dignidade, segue a mesma linha.

Todos os três autores estão cientes de que suas narrativas oferecem lições importantes, e estas não devem ser perdidas nos leitores contemporâneos. A Turquia, por exemplo, tem deslizado em direção ao autoritarismo por meio de táticas não muito diferentes dos nazistas: prisão dos dissidentes políticos, ataque à liberdade de expressão, tratamento dos críticos como inimigos do Estado, e supressão dos mecanismos de controle (freios e contrapesos). Até agora, o presidente Trump mais latiu do que mordeu. Mas alguns dos latidos têm uma história que é ao mesmo tempo feia e reveladora. Os nazistas aplicaram o termo “*Lügenpresse*” (imprensa mentirosa) à imprensa tradicional; o Presidente Trump refere-se à “imprensa FAKE NEWS”, que, segundo ele, “não é minha inimiga, mas inimiga do povo americano!” Em domínios significativos (incluindo a mudança climática), sua administração denigre a ciência; ele até não conseguiu preencher o cargo de conselheiro científico da Casa Branca. Os nazistas também descartaram ou politizaram a ciência (especialmente a “Ciência Judaica” de Einstein) em favor do que afirmavam ser o espírito do povo (*Volk*).

Se o presidente dos Estados Unidos estiver constantemente mentindo, reclamando que a imprensa independente é responsável por notícias falsas (*fake news*), clamando pela retirada das licenças das redes de TV, publicamente exigindo sentenças de prisão para oponentes políticos, minando a autoridade do Departamento de Justiça e do FBI, ampliando as divisões sociais, deslegitimando os críticos como “corruptos” ou “fracassados” e até mesmo se recusando, em aberta violação à lei, a proteger as crianças contra os riscos associados à pintura com chumbo - bem, isto não é fascismo, mas os Estados Unidos não viram nada parecido antes.

Com o nosso sistema de controle (freios e contrapesos), é improvável que ocorra aqui um autoritarismo total, mas seria tolice ignorar os riscos que Trump e sua administração representam para as normas e instituições estabelecidas, que ajudam a preservar a ordem e a liberdade. Esses riscos crescerão se a oposição às violações de normas de longa data for limitada aos democratas, e se os republicanos rirem, aplaudirem, concordarem ou derem desculpas para Trump - se eles “uivarem” com o lobo.

De diferentes modos, Mayer, Haffner e Jarausch mostram como a naturalização, a confusão, a distração, o interesse próprio, o medo, a racionalização e a sensação de impotência pessoal, tornam possível a ocorrência de coisas terríveis. Eles chamam a atenção para a importância de ações individuais de consciência, pequenas e grandes, por pessoas que nunca chegam aos livros de história. Há quase dois séculos, James Madison advertiu: “Não existe virtude entre nós? Se não houver, estamos em uma situação miserável. Nenhuma salvaguarda teórica e nenhuma forma de governo pode nos tornar seguros”. Haffner ofereceu algo semelhante a um corolário, que é a salvaguarda definitiva contra os pretendentes a autoritários, e lobos de todos os tipos estão na consciência individual: nas “decisões tomadas individualmente e quase inconscientemente pela população em geral.”

REFERÊNCIAS

MAYER, Milton. *They Thought They Were Free: The Germans, 1933–45*, Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

JARAUSCH, Konrad H. *Broken Lives: How Ordinary Germans Experienced the Twentieth Century*, Oxford: Princeton University Press, 2018.